



UMA REFLEXÃO SOBRE O ROMANCE *UMA MENINA ESTÁ PERDIDA NO SEU SÉCULO À PROCURA DO PAI*, DE GONÇALO M. TAVARES

Daniely Karolaine de Lavega*

TAVARES, Gonçalo M. *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 240 p.

Gonçalo Manuel de Albuquerque Tavares nasceu em Luanda, na Angola, em agosto de 1970. Ele é um escritor e professor universitário português, e sua primeira obra, *Livro da dança*, foi publicada pela Assírio & Alvim em 2001. Seus livros originaram peças de teatro, objetos artísticos, ópera etc., além de receberem diversos prêmios literários de prestígio. Estão em andamento cerca de 220 traduções de seus livros, distribuídas por 45 países (Portal da Literatura, 2023). Tavares escreveu *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai* no contexto de uma grave depressão econômica. Por isso, a taxa de desemprego estava alta, e 20% da população vivia abaixo da linha da pobreza. Diante disso, 485 mil portugueses emigraram do país entre 2011 e 2014 (Pichel, 2021).

O romance *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai* foi publicado pela Companhia das Letras em 2015. A história se desenvolve em um cenário fragilizado pela Segunda Guerra Mundial, conflito militar global que ocorreu entre os anos de 1939 e 1945 e provocou a morte de 70 a 85 milhões de pessoas. O Massacre de Katyn, o Holocausto e o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki são acontecimentos históricos que marcam esse período (Neves, 2023).

Entre os escombros da guerra, um homem chamado Marius encontra Hanna, uma menina de 14 anos de idade que possui uma doença congênita denominada trissomia 21 – mais conhecida atualmente como síndrome de Down – e, por isso, tem uma grande dificuldade de comunicação. Os únicos dados pessoais que Marius consegue extrair de Hanna são seu primeiro nome e sua data de nascimento. Além disso, a menina declara que está à procura de seu pai. Sem delonga, Marius viaja com Hanna para Berlim – uma das poucas palavras que Hanna articula.

* Acadêmica de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista no Programa de Educação Tutorial dos cursos de Letras. E-mail: delavegadaniely@gmail.com.

A dupla improvável de protagonistas se hospeda em um hotel onde os quartos não possuem números, e sim nomes de campos de concentração. Depois de receber a chave do quarto Auschwitz, Marius pergunta ao casal de proprietários qual é a razão de tal gesto. Contudo, a resposta que ele obtém da mulher, Raffaella, é simples e direta: “Porque podemos. [...] Somos judeus” (Tavares, 2015, p. 53). Essa escolha de nomes pode ser vista como uma forma de reverter o poder, transformando símbolos de opressão em uma ferramenta de autorreflexão e resistência. A resposta simples e direta de Raffaella pode ser interpretada como uma maneira de desafiar a complexidade da questão. Ela não elabora, mas deixa a interpretação aberta.

Marius encontra um objeto metálico, semelhante a uma minúscula balança, em um bolso de Hanna. A peça possui gravada a palavra *Berlim*. Com a intenção de descobrir a origem do objeto, Marius visita um antiquário e, assim, conhece Vitrius, o dono. Eles mergulham em uma longa conversa, e Vitrius mostra a Marius os cadernos que, devido a uma tradição familiar, ele preenche com sequências de números pares; uma atividade que não parece ter um objetivo racional inicialmente, mas tem o fundamento de preservar a memória dos antepassados de Vitrius e não permitir que todo o esforço de seu pai e de seu avô tenha sido sem propósito. Entretanto, Marius percebe que, apesar de Vitrius gostar de sua companhia, ele não está realmente interessado em ajudá-lo a descobrir algo sobre o objeto metálico.

Em uma noite no hotel, um dos proprietários, Moebius, chama Marius para uma conversa em seu escritório. Moebius lhe conta que, pouco tempo depois de casar-se com Raffaella, há mais de 15 anos, o casal acompanhou uma série de assassinatos em que as vítimas eram judias e os corpos eram encontrados com um número entalhado nas costas. Como proteção, para não haver espaço para outra coisa, Moebius tatuou a palavra judeu em dezenas de línguas em toda a região de suas costas. A princípio, isso não parece ter sentido, pois não havia como o assassino saber que as costas de Moebius estavam ocupadas, porém Marius compreende que, no decorrer do tempo, esse gesto ganhou outro significado. A tatuagem simboliza a recusa em permitir o esquecimento e o desenraizamento da história e cultura judaicas. O corpo de Moebius se torna um testemunho vivo, uma manifestação física da memória coletiva de um povo que sofreu perseguições ao longo da história:

O que começara com um objetivo foi, a pouco e pouco, ganhando, como ele explicou, uma outra dimensão, uma dimensão quase mítica. A verdade é que ele sentia que essas palavras se transformavam no que eu primeiro vira nelas – uma mancha de tinta que não deixara visível um centímetro de pele. Era um escudo que o protegia, que o tornava, sentia ele, invulnerável. (Tavares, 2015, p. 138).

Antes de Marius e Hanna seguirem para Berlim, eles estavam sentados em um café quando um fotógrafo de animais chamado Josef Berman se aproximou e entregou um cartão a Marius. Além de fotografar animais, Berman tinha estranhamente um projeto de fotografias de pessoas com trissomia 21 e deixou visível sua intenção de fotografar Hanna. Futuramente, Berman surge no hotel à procura de Marius e Hanna, mas eles não estavam presentes naquele momento.

Um homem chamado Agam Josh, apelidado de Olho Vermelho por Marius, guarda uma história perturbadora sobre Josef Berman. Marius e Hanna conhecem Agam quando ele os aborda na rua e tenta vender-lhes um animal morto extremamente raro, mas Marius não tem qualquer interesse. Porém, Agam convida Marius e Hanna para conhecer seu ateliê, alegando ser um artista. Berman, com seu olho vermelho, é capaz de escrever de modo microscópico em papel ou objetos, deixando visível somente uma linha fina. Depois de ver o cartão do fotógrafo de animais que Marius carrega, Agam afirma que conhece tal sujeito e revela que Berman o procurou para gravar uma frase perturbadora – que ele não revela qual era – em um sino. Olho Vermelho conta que Berman utilizava o sino em um hospício de cães que ele mantinha; cães que perderam a razão e transformaram-se em animais imprevisíveis, ou tem alguma doença ou deficiência. Esses cães, segundo Agam, eram vendidos ilegalmente a Berman por matadouros e tratados de forma cruel pelo fotógrafo. Depois de ouvir essa história, descobrir que Berman os procurou no hotel e receber a notícia de que Vitrius não conseguiu qualquer informação sobre o objeto encontrado com Hanna, Marius decide adiantar sua partida. Nesse ponto da história, Marius percebe que eles não procuravam realmente pelo pai de Hanna há muito tempo.

Longe de Berlim, Marius e Hanna esbarram em Josef Berman em um café, e Marius o cobre de socos. A seguir, a dupla de protagonistas se abriga na casa de Grube, um velho historiador amigo de Marius, por alguns dias. Entretanto, depois de uma notícia de jornal trazida por Grube, Marius e Hanna precisam retornar para Berlim por questão de segurança. Assim que chegam à cidade, Marius e Hanna visitam o ateliê de Agam Josh novamente, e o artista revela que toda a história que contou sobre o fotógrafo era invenção, ele apenas queria tornar a conversa mais interessante. No hotel de Raffaella e Moebius, eles conseguem vaga para somente uma noite. No dia seguinte, Marius faz a Vitrius uma visita em que, pela primeira vez, é ele quem fala sem parar, principalmente sobre seu amigo historiador, enquanto Vitrius somente o ouve. Marius termina perguntando se pode ficar no antiquário durante aquele dia, e Vitrius expressa certo incômodo, mas concorda. Quando Marius e Hanna saem do antiquário, são engolidos por uma multidão de manifestantes na rua.

Tavares possui o objetivo de produzir um retrato do desamparo social e psicológico que, no pós-guerra, recai sobre a camada mais simples e vulnerável da sociedade. O romance dá voz aos marginalizados pela História, que surgem como as verdadeiras vítimas do terror da guerra. O livro é uma exploração profunda das complexidades da condição humana, do isolamento, da busca por significado e da relação com o tempo e o espaço. Tavares tece uma narrativa rica em simbolismo e metáforas, desafiando o leitor a refletir sobre questões existenciais e filosóficas. A busca da menina por seu pai pode ser vista como uma metáfora da busca universal por identidade e pertencimento.

Marius é um personagem enigmático, e sua relação com Hanna é complexa. Suas interações com a menina desafiam sua compreensão sobre o mundo e levam-no a questionar questões existenciais e filosóficas. Como muitos personagens na obra de Tavares, Marius parece representar ideias e temas mais amplos. Através de suas conversas e interações com a menina, ele ajuda a aprofundar a exploração de tópicos como identidade, solidão, conhecimento e a natureza da busca.

A Companhia das Letras optou por manter a grafia do português de Portugal. Portanto, é comum encontrarmos, por exemplo, o uso recorrente de mesóclise. O tempo na história é fragmentado e não segue uma progressão linear. Em vez disso, a narrativa é composta por fragmentos de pensamentos, diálogos e reflexões que se intercalam e se sobrepõem ao longo

do livro. Essa estrutura fragmentada cria uma sensação de descontinuidade temporal, onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam de maneira não linear. Tavares inicia a história com um narrador onisciente, porém Marius de repente se torna um personagem narrador. A escrita de Tavares pode ser comparada a de José Saramago nos momentos em que ele não utiliza o travessão para indicar um diálogo e escreve um número considerável de páginas sem partir para um novo parágrafo.

A leitura de *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai* é uma ótima forma de induzir o leitor a pensar sobre os caminhos tortuosos da condição humana. A estrutura fragmentada e a linguagem enigmática podem tornar a leitura desse livro desafiadora para algumas pessoas, mas é exatamente essa complexidade que faz da obra uma experiência literária única e intrigante. Para aqueles que apreciam a literatura que provoca reflexões profundas e explora o comportamento humano de maneira incomum, esse livro de Gonçalo M. Tavares é uma leitura que recompensa.

REFERÊNCIAS

NEVES, Daniel. *Segunda Guerra Mundial*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/segunda-guerra-mundial.htm>. Acesso em: 22 jul. 2022.

PICHEL, Mar. "*Capitalismo da sardinha*": como Portugal foi de país falido a exemplo na Europa. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58896600>. Acesso em: 26 jul. 2022.

PORTAL DA LITERATURA. Gonçalo M. Tavares. Disponível em: <https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=428>. Acesso em: 24 jul. 2022.